Arthur Schopenhauer

A ARTE DE LIDAR COM AS MULHERES

Introdução e notas de Franco Volpi

Martins Fontes

Arthur Schopenhauer

A ARTE DE LIDAR COM AS MULHERES

Introdução e notas de Franco Volpi
Tradução
Eurides Avance de Souza (alemão)
Karina lannini (italiano)
A presente tradução foi revista pelo organizador
Franco Volpi
Martins Fontes
São Paulo 2004

Introdução

Se o mundo nasceu de um capricho de Deus, então a mulher é o ser em que o Supremo Artífice quis manifestar da melhor maneira o lado imprevisível de sua insondável natureza. Esse bon mot, não tão distante das convicções mais radicadas no espírito masculino, deveria persuadir qualquer pessoa, homens e mulheres, da utilidade deste pequeno tratado. O tema é delicado, mas não se pode evitá-lo.

O que podem nos ensinar os filósofos – depositários de sabedoria por definição, mas falidos no amor – sobre como tratar as mulheres? O que aconselham para deter os vagos comportamentos e frear esse nosso obscuro objeto do desejo? Que estratégia sugerem para desfazer os caprichos do sexo frágil?

1. Filósofos e mulheres: uma secular "mésalliance"

Desde os tempos antigos, as relações entre os filósofos e as mulheres foram marcadas por uma irreparável mésalliance. Revisitando a história do pensamento filosófico nessa perspectiva, tem-se, num primeiro momento, a impressão de que a filosofia sempre foi e sempre será uma questão tipicamente masculina.

Todavia, se observarmos bem, veremos que não faltavam, já na Antiguidade, figuras de pensadoras mulheres. No primeiro século a.C., o estóico Apolônio encontrou matéria suficiente para redigir uma história da filosofia feminina, e Filocoro escreveu um livro inteiro sobre as filósofas pitagóricas, que efetivamente formaram um grupo numeroso. Mas nossa gratidão maior vai para Gilles Ménage, escritor e erudito, freqüentador do Hôtel de Rambouillet, muito admirado por Madame de La Fayette e Madame de Sévigné, mas que passou para a posteridade pela caricatura que dele fez Molière no personagem Vadius, das Femmes savantes. Perlustrando pacientemente os séculos, Ménage recolheu em 1690 uma Historia mulierum philosopharum, que se lê ainda hoje com divertimento e proveito.

No entanto, ocorre de nos perguntarmos: por que, de todas as venustas filósofas mencionadas nessa obra, não restou um só pensamento, nem um único fragmento se salvou da fúria destrutiva do tempo? Foi um acaso ou devemos pensar, com Hegel, que nessa matéria a história universal (Weltgeschichte) também emitiu seu julgamento universal (Weltgericht) ? Quero dizer: no fundo, esses pensamentos não mereciam ser conservados?

Seja como for, a tradição do pensamento ocidental, apesar da diversidade das posições, das tendências e das escolas que a constituem, mostra uma surpreendente compactação ao remover, de princípio ou de fato, o sexo feminino, excluindo-o de um papel ativo na filosofia. Se o paralelo não suscitasse hilaridade, e se alguém já não o tivesse proposto, poderíamos arriscar a seguinte tese: assim como Heidegger afirmou que a filosofia ocidental é caracterizada pelo "esquecimento do Ser", poderíamos sustentar que ela é marcada por outro muito mais escandaloso: o "esquecimento da mulher".

Desde Tales, ridicularizado por uma criada trácia, até Wittgenstein e suas confusões com Marguerite, os filósofos contribuíram sistematicamente para esse ostracismo, tanto na teoria quanto na prática. Uma reconfirmação indireta de tal mésal-lianceé, por exemplo, o fato de nenhum dos mais antigos filósofos, os pré-socráticos, ter se casado. O primeiro a dar tal passo foi Sócrates, que se casou com Xantipa: todos sabemos, porém, com quais conseqüências.

Justamente Platão, que em todas as outras questões o apontava como modelo, a esse respeito evitou seguir seu exemplo. E, no entanto, na República, ele reivindicou a igualdade dos direitos para as mulheres, admitindo-as até no estudo da filosofia: infelizmente, o fato é que nessa

obra ele ilustrou apenas uma utopia. Já no Timeu, quando expôs a doutrina das metempsicoses, Platão afirmou que as almas são originariamente masculinas: as que vivem indignamente seriam destinadas a reencarnar num corpo feminino e, se novamente se comportassem mal, transmigrariam para o corpo de um animal. Desse modo, ele terminou por atribuir à mulher o estatuto de ser inferior, a meio-caminho entre o homem e o animal.

Outro seguidor de Sócrates, Antístenes, o Cínico, afirmava que o amor é uma imperfeição da natureza e que, se Afrodite estivesse a seu alcance, iria fulminá-la com uma flecha (apud Clemente de Alexandria, Stromata, II, 20, 107, 2). Com o objetivo de evitar qualquer desgraça, Diógenes de Sinope, seu discípulo, aconselhava a prática do auto-erotismo (Diógenes Laércio, Vidas dos filósofos, VI, 2) .

Para encontrar um grande filósofo capaz de um matrimônio normal, é preciso esperar Aristóteles, que soube, de fato, conciliar a vida contemplativa e a vida conjugal: casou-se com Pítias e teve uma filha com ela. Não apenas isso: após ficar viúvo, acolheu em sua casa outra mulher, Herpílis, que lhe deu um segundo filho, Nicômaco. Do afeto com que no testamento relembrou ambas, deduz-se que as duas uniões foram felizes: o

estagirita pediu que os restos mortais da mulher fossem colocados junto aos seus e deixou parte da herança a Herpílis.

Todavia, por mais radicada que fosse a idéia da inconciliabilidade entre atividade filosófica e contato freqüente com mulheres, é fato que até mesmo ao inocente "mestre daqueles que sabem" os séculos teriam atribuído uma tradição denegratória, que difundiu uma imagem bem menos edificante de suas relações com o outro sexo. É o motivo de Aristóteles e Fílis, do sábio e da bela cortesã, retomado por intermédio dos árabes numa corrente oriental (Pancatantra) e transmitido em vários contos medievais e representações artísticas, entre as quais uma célebre xilogravura de Hans Baldun Grien. A atraente Fílis distrai com suas graças o jovem Alexandre, confiado pelo pai Filipe, rei da Macedônia, à educação de Aristóteles. Este se lamenta com o rei, que proíbe ao fogoso adolescente encontrar-se com a bela donzela. Esta se vinga, prometendo ao filósofo as suas graças com a condição de que ele, engatinhando, deixe-se montar por ela. Seduzido pelas redondas belezas, Aristóteles aceita, ignaro de que a astuta jovem avisou antecipadamente o rei do espetáculo: assim, o grande pensador é reduzido a objeto de escárnio da corte macedônia. Desmoralizado,

retira-se para uma ilha a fim de escrever um tratado sobre a perfídia feminina.

Em seguida, as relações entre os filósofos e as mulheres não melhoraram, nem mesmo em época moderna. Até mesmo Kant, campeão do pensamento iluminista, que elevou a princípio a coragem de se servir do próprio intelecto contra todo preconceito e toda autoridade, parece ter perdido com as mulheres o lume da razão. É verdade que o grande filósofo de Kônigsberg emancipou a mulher da primitiva e animalesca sujeição ao homem, concedendo-lhe o direito à "galante-ria", ou seja, à "liberdade de ter publicamente diversos amantes". Em compensação, porém, negou-lhe o direito de voto' e acumulou corn prosopopéia tuna série de preconceitos, ironias e impertinências sobre o sexo feminino, que apresentou como resultado científico de uma "antropologia pragmática". Algum exemplo? "As qualidades da mulher se chamam fraquezas." Ou: "O homem é fácil de ser indagado; já a mulher não revela seu segredo, embora (em virtude de sua loquacidade) dificilmente guarde o dos outros." E ainda: "Com o matrimônio, a mulher se torna livre, e o homem perde a sua liberdade." E sobre a cultura feminina: "As mulheres cultas usam os livros quase como um relógio, que carregam para mostrar que têm, embora

geralmente ele esteja parado ou não corresponda ao sol."[1] E assim por diante. É o caso de pensar que, em matéria de mulheres, o insuspeitado Kant tenha sido o modelo das maldades de Schopenhauer e de Nietzsche.

Seja como for, é do conhecimento de todos que, com as mulheres e no amor, os grandes filósofos em geral não se saem bem. Se ainda por cima iniciam uma relação amorosa, incorrem em desventuras, arrumam incidentes graves e confusão: Abelardo com Heloísa, Nietzsche com Lou, Weber com Else, Scheler com suas inúmeras amantes, Heidegger com Hannah, Wittgenstein com Marguerite. Nem chega a ser o caso de dar início à embaraçosa lista, equilibrada apenas em parte por alguns exempla in contrarium: o amor de Schelling por Caroline, o idílio de Comte e Clotilde, a simbiose de Simmel com Gertrud (autora, sob pseudônimo, de importantes livros), o irresistível encontro de Bataille e Laure.

2. O caso Schopenhauer

Tudo isso se traduz numa única e simples recomendação hermenêutica: ao ler-se o presente tratado, devem ser levados em conta os condicionamentos e as

---

[1] "Anthropologie in pragmatischer Hinsicht" (1798), in Kants gesammelte Schnften, organizado pela Kõniglich Preussische Akademie der Wissenschaften, vol. VII, Reimer, Berlim, 1907, pp. 303-11.

circunstâncias, ou seja, o pesado fardo da tradição machista e os atávicos preconceitos que calcam a pena de Schopenhauer. A ele deve-se pelo menos reconhecer o mérito de ter-se realmente dedicado ao problema da relação entre a filosofia e as mulheres. Depois dele e de Nietzsche, não seria mais possível ignorá-lo.[2]

Para dizer a verdade, nos tempos de Schopenhauer, o clima já estava mudando. As grandes figuras femininas do Iluminismo e do Romantismo haviam imposto com reluzente evidência a necessidade de extirpar o machismo pela raiz, dando ensejo àquela que teria se tornado a Grande Marcha da Mulher Rumo à Emancipação. Desde quando o jovem Friedrich Schlegel, no ensaio sobre Diotima (1795), elevara a figura feminina do Simpósio platônico a modelo da nova mulher, que busca no eros a própria realização, e sobretudo após o romance Lucinda (1799), cuja inspiração não era mais Platão, mas sim Dorothea Mendelssohn, que havia abandonado o marido para unir-se a ele, deu-se início a uma verdadeira revolução de idéias e de costumes. Junto a Dorothea, toda uma falange de figuras femininas personificava sem preconceitos a nova moda: Germaine de Stael, amante de

---

[2] Quanto a Schopenhauer, ainda falta um estudo comparável ao realizado em relação a Nietzsche: Carol Diethe, Nietzsche's Women: Beyond the Whip, de Gruyter, Berlim-Nova York, 1996.

Talleyrand, que teve uma turbulenta relação com Benjamin Constant e, em seguida, uma mais tranqüila e espiritual com o mencionado Schlegel; Caroline Michaelis, "a senhora Lúcifer", que, depois de morto seu primeiro marido, voltou a se casar com August Wilhelm Schlegel e em seguida com Schelling; Henriette Herz, que ao apaixonado Wilhelm von Humboldt ensinou o hebraico, e a Schleiermacher, o italiano; e depois Caroline von Günderrode, a infeliz amante de Creuzer, levada pela paixão ao suicídio; Bettina Brentano, Rahel Varnhagen von Ense e muitas outras.

Johanna Trosiener Schopenhauer, mãe do nosso Arthur, pertencia a essa legião de mulheres e nutria grandes ambições literárias. A edição organizada por ela das próprias obras completas – narrações de viagens, romances, diários e até um estudo sobre Jan Van Eyck e a pintura flamenga – compreende a beleza de vinte e quatro volumes. Após o suicídio do marido, transferiu-se para Weimar, então devastada pelo avanço de Napoleão no coração da Prússia. Johanna conseguiu reunir em torno de si um círculo literário, freqüentado, entre outros, por Goethe, Wieland, os dois Schlegel e Tieck[3]. Desinibida, acolheu em sua casa um jovem amante, Friedrich Müller von Gerstenbergk. Quando Arthur foi encontrá-la em

---

[3] Cf. Anke Gilleir, Johanna Schopenhauer and die Weimarer Klassik. Olms, Hildesheim, 2000.

Weimar, ficou profundamente perturbado com a escandalosa liaison a que, com sua jovem irmã Adele, teve de assistir: ao abalo seguiu-se o ciúme, a irritação e o rancor. Mas Johanna, que finalmente desfrutava a liberdade em relação a pais e maridos, certamente não estava disposta a renunciar às suas conquistas por amor do filho, de que, aliás, não suportava o caráter "absolutamente malévolo" e o obsessivo apego ao patrimônio. Nas cartas, cansada do papel de mãe, reivindica sua independência de mulher: "Nós dois somos dois", escrevera-lhe Arthur, e ela o tomou ao pé da letra para defender a própria esfera individual das intromissões filiais. Por sua vez, o jovem filósofo teria desejado reconquistar a mãe para o lar doméstico, ou seja, para si mesmo, mas, abandonado em beneficio do amante, passou a odiar a situação, a mãe, as mulheres, o mundo, e foi embora de casa[4].

A difícil relação com a figura materna provavelmente está na origem da exacerbada misoginia e da indefensável, quase caricatural imagem da mulher que, em sua obra, Schopenhauer pretendeu fundar em bases metafísicas. Os bastidores biográficos podem justificar muitas de suas

---

[4] Ver Die Schopenhauers. DerFamilien-Briefwechsel von Adele, Arthur, Heinrich Floris and Johanna Schopenhauer, organizado por Ludger Lütkehaus, Haffmans, Zurique, 1991. A. Schopenhauer, Tagebuch einerEinsamen, organizado por Heinrich Hubert Houben, Mattes & Seitz, Munique, 1985.

convicções singulares a esse respeito. "Conheço as mulheres", confessaria, já velho, ao discípulo Adam Ludwig von Doss. "Consideram o matrimônio apenas um instituto assistencial. Meu próprio pai, enfermo e muito fraco, ficou preso a seu leito de doente, e teria ficado abandonado se um velho criado não tivesse cuidado dele pelo assim chamado amor ao dever. A senhora minha mãe dava saraus, enquanto ele passava o tempo na solidão, e divertia-se enquanto ele sofria dores terríveis. É esse o amor das mulheres! "[5]

3. De fracasso em fracasso

Na verdade, mais ou menos na época do distanciamento da mãe, Schopenhauer tivera uma oportunidade de ouro para corrigir sua pessimista imagem do outro sexo. Apaixonara-se por Caroline Jagemann – prima-dona no Hoftheater de Weimar, depois amante do duque Karl August – e revelara à sua mãe: "Eu traria essa mulher para casa mesmo que a encontrasse pavimentando uma estrada no campo."[6] Mas o amor permaneceu platônico, e, quando anos depois os dois voltaram a se ver em Frankfurt, já era tarde demais. Nessa ocasião, o velho

---

[5] A. Schopenhauer, Gesprüche, organizado por Arthur Húbscher, Frommann-Holzboog, Stuttgart-Bad Cannstatt, 1971, p. 152.
[6] A. Schopenhauer, Gesprüche, op. cit., p. 17.

filósofo lhe teria contado, para grande prazer dela, a historinha dos porcos-espinhos, que havia anotado e teria publicado ao final dos Parerga e paralipomena: alguns porcos-espinhos, para se proteger do frio do inverno com seu calor, queriam ficar bem perto uns dos outros, mas seus acúleos sempre os espetavam, obrigando-os a se afastar[7]. É justamente o que ocorre aos seres humanos.

Nada platônica foi a relação que Schopenhauer manteve com uma jovem camareira em Dresden, para onde se havia transferido em maio de 1814: o filho do pecado morreu pouco depois do nascimento. Com efeito, apesar da declarada misoginia, e não obstante o elogio filosófico da vida ascética, nosso filósofo tendia à "paixão longitudinal" e não renunciava absolutamente aos prazeres da carne. Em suma, pregava mal, mas sabia praticar muito bem.

Por ocasião de sua primeira viagem à Itália, iniciada tão logo autorizou a publicação das provas do Mundo, no outono de 1818, chegou a Veneza e logo embarcou numa aventura com uma dama de costumes fáceis, uma certa Teresa Fuga[8]. Foi por causa dela que não deu certo o

---

[7] Ver a carta de Schopenhauer a Julius Frauenstädt, de 2 de janeiro de 1852, em Gesammelte Briefe, organizado por A. Hübscher, Bouvier, Bonn, 1978, pp. 272-3.
[8] Ver a substanciosa reconstrução de A. Verrecchia, "Scho-penhauer e la vispa Teresa", in Schopenhatuerfahrbuch, 56, 1975, pp. 187-98.

previsto encontro com Byron, como menciona o músico Robert von Hornstein ao evocar em suas Memórias os colóquios com o velho Schopenhauer. Von Hornstein gostava de contar aos próprios hóspedes que, no mesmo ano (1818-1819), encontraram-se na Itália os três maiores pessimistas da Europa: Byron, Leopardi e ele próprio. "Uma noite", narra von Hornstein, "estávamos falando de Byron, quando ele lamentou não tê-lo conhecido por causa da sua estupidez. `Eu tinha para ele uma carta de recomendação de Goethe. Fiquei três meses em Veneza no período em que Byron também estava lá. Eu sempre pensava em ir encontrá-lo com a carta de Goethe, mas um dia renunciei por completo. Eu passeava com a minha amada pelo Lido, quando a minha Dulcinéia, na maior excitação, exclamou: `Veja o poeta inglês!'. Byron passou por mim correndo a cavalo, e a mulher, durante todo aquele dia, não fez outra coisa a não ser recordar essa impressão. Então decidi não entregar a carta de Goethe: tive medo dos cornos. Quanto não me arrependi!'. E bateu na própria testa.[9]

Em Florença, Schopenhauer enriqueceu o catálogo de suas conquistas com uma pérola preciosa: uma nobre inglesa, que descera de sua brumosa pátria materna para a tépida cidade toscana a fim de curar-se da tuberculose. O

---

[9] A. Schopenhauer, Gesprüche, op. cit., p. 220.

filósofo inflamou-se de "profunda paixão", e a "armadilha" do matrimônio, "a que a natureza nos conduz", estava prestes a acontecer. Todavia, a incurável doença da amada induziu nosso pávido e pequeno sabichão a recuar ao princípio de que o matrimônio não se destina à vida especulativa. De todo modo, se acreditarmos em sua irmã Adele, foi o grande amor de sua vida.

Ao voltar para a Alemanha, para Berlim, Schopenhauer buscou consolo nos braços de Caroline Richter Medon, uma corista do Nationaltheater, com a qual manteve uma relação instável mas intensa, a ponto de recordá-la explicitamente em seu testamento. Essa relação, mantida por muito tempo em segredo, foi perturbada por pequenas brigas e ciúmes, e sobretudo `pelo fato de que, enquanto Schopenhauer se encontrava pela segunda vez na Itália, já havia dez meses, ela deu à luz um belo menino: Carl Ludwig Gustav Medon. Não é de admirar que em seu caderno Schopenhauer afirme: "Os homens são, durante a metade de suas vidas, fornicadores e, na outra metade, maridos traídos; e as mulheres se dividem, de acordo com isso, em traídas e traidoras."[10] E, na primeira ocasião, tentou vingar-se. Ao conhecer em 1827 a filha de dezessete anos de um comerciante de arte, uma certa

---

[10] A. Schopenhauer, Der handschriftlicheNachlass, organizado por A. Hübscher, 5 vols. em 6 tornos, Kramer, Frankfurt a. M., 1966-1975, vol. II. p. 162.

Flora Weiss, fez-lhe, de imediato, uma proposta de casamento, esquecendo-se de todas as suas máximas de prudência. "Casar-se", afirmara ele próprio, "significa enfiar a mão em um saco, de olhos vendados, na esperança de descobrir uma enguia no meio de um monte de cobras"[11]. Além disso, por melhor que seja, o matrimônio leva a "dividir seus direitos ao meio e dobrar seus deveres"[12]. E, no entanto, por uma tenra beldade o filósofo estava disposto a jogar para o alto toda a sua sabedoria. Sorte dele, portanto, que a proposta foi recusada: "Ainda é uma menina!", respondeu escandalizado o pai, porém mitigando de imediato a irritação ao ser informado do patrimônio do pretendente. Mas a mocinha não quis saber de conceder sua primavera ao enrugado pensador.

Não obstante as desventuras, quando em 1831 Schopenhauer deixou uma Berlim infestada pelo cólera em direção a Frankfurt, queria levar consigo Caroline Medon. Porém, com uma condição: de que o filho, fruto da traição, ficasse em Berlim. Como boa mãe que era, Caroline foi igualmente irredutível e deixou que o filósofo partisse sem ela.

---

[11] A. Schopenhauer, Gesprãche, op. cit., p. 152.

[12] A. Schopenhauer, "Parerga e paralipomena", vol. II, in Sãmtliche Werke, organizado por A. Hübscher, 3a ed., Brockhaus, Wiesbaden, 1972, vol. VI, p. 659.

Para completar o quadro dos casos femininos berlinenses de Schopenhauer, não se deve esquecer a lamentável situação em que se viu com uma costureira que era sua vizinha, uma certa Caroline Marquet. Após uma altercação desencadeada à porta, onde a impudente havia parado para tagarelar com outras comadres, perturbando-o em seus pensamentos – alguns de seus biógrafos maliciosos afirmam que isso ocorreu durante um de seus discretos encontros com Caroline Medon –, Schopenhauer a espancou, causando-lhe lesões corporais. Após uma série de processos que duraram cerca de cinco anos, foi condenado por Realinjurie a lhe pagar uma pensão vitalícia. Depois que ela morreu, o filósofo afirmou com um jogo de palavras: "Obit anus, abit onus", ou seja: "A velha morreu, o ônus diminuiu."

Assim, de fracasso em fracasso, nosso filósofo, depois de se transferir para Frankfurt, concebeu o firme propósito de renunciar definitivamente ao matrimônio. Porém, não às mulheres em absoluto, ou melhor: a uma "petite liaison si nécessaire". Dessa relação nasceu, não sabemos de quem, outro filho ilegítimo, morto pouco depois do parto.

4. "Dulcis in fundo"

A velhice teria reservado a Schopenhauer uma surpresa. Enquanto "o Nilo está chegando ao Cairo", lê-se em suas cartas o alívio de ter-se libertado das correntes do sexo, daquela obscura força metafísica que é a Vontade. Mas, justamente nesse período, o Cupido lançou uma última, inócua flecha: uma jovem escultora, Elisabeth Ney, com o intento de realizar um busto seu, visitou-o no outono de 1859 e se estabeleceu em sua casa por quase um mês. O ancião se entusiasmou: "Trabalha em minha casa o dia inteiro", contou a Von Hornstein, esfregando as mãos com satisfação, "e quando volto do almoço tomamos café juntos, sentados um perto do outro no sofá: sinto-me como se estivesse casado."[13] O idílico entendimento com a jovem artista, que o lixou e lustrou, fez vacilar a imagem pessimista da mulher, nascida da turbulenta relação com a mãe e teorizada durante anos em bases pseudometafisicas. Numa retratação tardia, revelou a uma amiga de Malwida von Meysenbug a sua conversão a um julgamento mais favorável: "Ainda não disse minha última palavra sobre as mulheres: creio que a mulher consegue destacar-se da massa, ou melhor, elevar-se acima dela, cresce ininterruptamente e mais do que o homem, para o qual a

---

[13] A. Schopenhauer, Gesprãche, op. cit., p. 225.

idade marca um limite, enquanto a mulher se desenvolve cada vez mais."[14] Se não é verdade, é muito bem inventado.

5. A mulher sem qualidades

O presente tratado é um florilégio de sentenças em que Schopenhauer expõe sua concepção da mulher. Montamos uma antologia examinando seus escritos editados e inéditos, sobretudo a célebre "Metafísica do amor sexual", que constitui o capítulo 44 dos "Suplementos" à segunda edição (1844) do Mundo como vontade e representação, o pequeno texto Sobre as mulheres, incluído nos Parerga e paralipomena (1851) , e o Nachlass [obra póstuma] .

A escolha e a distribuição das máximas por argumentos são obviamente nossas, mas possuem um fundamentam in re, uma vez que evidenciam, em sua ordem, os aspectos e os problemas centrais para a nossa. Não somente isso: a antropologia schopenhaueriana do comportamento feminino, que nas intenções é científica e objetiva, trai, na verdade, toda a preocupação de quem foi

---

[14] A. Schopenhauer, Gespriiche, op. cit., pp. 376-7. Sobre a "conversão" do velho Schopenhauer, remeto ao texto quase sério que escrevemos com Wolfgang Welsch para o bicentenário do nascimento do filósofo: "Schopenhauers schwere Stunde", in Schopenhauer im Den ken der Gegenwart, organizado por Volker Spierling, Piper, Munique-Zurique, 1987, pp. 290-8.

atingido em sua parte mais sensível e escreve cum ira et studio. Eis por que as sentenças, em vez de descrições naturais, tornam-se mais um catálogo de conselhos para advertir o sexo masculino das fatais insídias, dos riscos e dos'extenuantes conflitos que inevitavelmente estão ocultos no relacionamento com as mulheres. Trata-se, em suma, de uma verdadeira arte – no estilo dos manuais já publicados[15] – para tratar de modo conveniente o sexo frágil e seus volúveis comportamentos.

Obviamente, para nós, homens e mulheres de hoje, é até fácil demais observar que Schopenhauer não conhece, ou voluntariamente ignora, a inexaurível riqueza do eterno feminino: conceitos como femme fatale, femme fragile ou femme vamp certamente não entram em seu repertório. Enfim: a sua é uma mulher sem qualidades. Mas, justamente por isso, de sua pena jorram proposições ricas de amenidades e aspectos hilariantes, aptas – como um clássico hors d'ãge– a divertir qualquer um.

FRANCO Volpi

---

[15] Todos publicados pela Martins Fontes Editora: A arte de ter razão (2001) , A arte de ser feliz (2001) , A arte de se fazer respeitar (2003), A arte de insultar (2003). (N. da T.)

EDIÇÕES DE A. SCHOPENHAUER UTILIZADAS

Sãmtliche Werke, organizado por Paul Deussen, 13 vols., Piper, Munique, 1911-1942.

Sdmtliche Welke, organizado por Arthur Hübscher, 7 vols., 3' ed., Brockhaus, Wiesbaden, 1972; 44 ed. revista por Angelika Hübscher, Brockhaus, Mannheim, 1988.

Der handschnftliche Nachlass, organizado por Arthur Hübscher, 5 vols. em 6 tornos, Kramer, Frankfurt a. M., 1966-1975; reimpressão anastática, Deutscher Taschenbuch Verlag, Munique, 1985; ed. italiana Scritti postumi, Adelphi, Milão, 1996-.

Werke in flint' &inden, organizado por Ludger Lütkehaus, Haffmans, Zurique, 1988.

Gesprdiche, organizado por Arthur Hübscher, FrommannHolzboog, Stuttgart-Bad Cannstatt, 1971.

I due problemi fondamentali deli ética, organizado por Giuseppe Faggin, Boringhieri, Turim, 1961.

Parerga e paralipomena, tomo I organizado por Giorgio Colli, torno II organizado por Mario Carpitella, Adelphi, Milão, 1981-1983; nova ed. revista, 1998.

Para os trechos extraídos de O mundo como vontade e representação, servimo-nos da nova tradução de Sossio Giametta, a quem agradecemos por ter-nos consentido a utilização de sua obra.

A ARTE DE LIDAR

COM

AS MULHERES

I. A essência da mulher

Palavra e conceito

A palavra Weib[16] caiu em descrédito, embora seja totalmente inocente; ela designa o sexo (mulier). Frau significa a mulher casada (uxor); chamar uma moça de Frau soa como uma dissonância.

Belo sexo?

Somente o intelecto masculino, turvado pelo instinto sexual, poderia chamar de belo sexo as pessoas de estatura baixa, ombros estreitos, ancas largas e pernas curtas: na verdade, é nesse instinto que está toda a sua beleza.

[16] Weibé um vocábulo antigo da língua alemã que originalmente designava, de forma neutra e genérica, a pessoa do sexo feminino. Porém, com o tempo, o vocábulo passou a agregar um sentido negativo, indicando que a pessoa que o utilizava desejava passar da mulher uma idéia ruim, de pessoa geniosa e desagradável. Embora não seja possível determinar o momento em que esse sentido depreciativo começou a se delinear, depreende-se do comentário de Schopenhauer que já em sua época o vocábulo possuía tal conotação, o que é aqui ironicamente criticado pelo filósofo. (N. da T.)

O segundo sexo

As mulheres são o sexus sequior, o sexo que sob qualquer ponto de vista é o inferior, o segundo sexo, e em relação a cuja fraqueza deve-se, por conseguinte, ter consideração. Contudo, demonstrar-lhes veneração é extremamente ridículo e nos diminui aos olhos delas.

Uma essência sem grandes interesses

Nem para a música, nem para a poesia, tampouco para as artes plásticas as mulheres têm, real e verdadeiramente, talento e sensibilidade; quando, porém, elas afetam ou simulam essas qualidades, de nada mais se trata senão de pura macaquice voltada a seu desejo de agradar. Isto significa que elas não são capazes de tomar parte em coisa alguma de forma puramente objetiva, e o motivo disso, penso, é o seguinte: o homem se esforça em tudo para ter um domínio direto sobre as coisas, seja buscando entendê-las, seja vencendo-as pela força; já a mulher está sempre e em toda parte fadada a um domínio meramente indireto, intermediado pelo homem, que é o único sobre quem ela tem domínio direto. Por essa razão, é da natureza da mulher ver em tudo apenas um meio de conquistar o homem, e sua participação em qualquer outra

coisa é sempre apenas um pretexto simulado e tolo, ou seja, tudo acaba em coqueteria e afetação. Por isso, Rousseau já dizia: "Les femmes, en general, n'aiment aucun art, ne se connoissent à aucun, et n'ont aucun génie" [As mulheres em geral não amam nenhuma arte, não entendem de nenhuma e não têm nenhum gênio] (Lettre à d'Alembert, note XX). Qualquer um que vá além das aparências já o reparou. Basta observar a direção de sua atenção e o modo como se comportam no concerto, na ópera, no espetáculo teatral; é só ver, por exemplo, a despreocupação infantil com que elas, em meio aos trechos mais bonitos das grandes obras-primas, continuam sua tagarelice.

A mulher e as armas da natureza

Com as moças a natureza pretendeu obter o que, no âmbito da dramaturgia, é chamado de efeito teatral, na medida em que ela as supre por poucos anos de beleza, encanto e plenitude mais que exuberantes ao preço de todo o seu tempo de vida restante. Tudo isso para que, durante tais anos, elas possam apoderar-se inteiramente das fantasias de um homem, de tal maneira que ele seja levado a assumir de fato e de qualquer forma a responsabilidade pela mulher por toda a vida. Para ser

capaz de levá-lo a esse passo, a simples reflexão racional parecia não dar uma garantia suficientemente segura. Por conseguinte, a natureza dotou a mulher, assim como outras de suas criaturas, com armas e ferramentas de que ela precisava para garantir sua existência e pelo tempo que lhe era necessário; nesse processo, a natureza também agiu com sua economia habitual. Tal qual a formiga-fêmea que, após o acasalamento, perde suas asas superficiais, que se tornariam perigosas para o processo de incubação, também assim, na maioria das vezes, após o primeiro ou segundo parto, a mulher perde sua beleza, provavelmente pelas mesmas razões.

A criança – na mulher

Para amas e educadoras em nossa primeira infância, as mulheres se mostram particularmente adequadas, já que são infantis, tolas e têm visão curta. Em poucas palavras, são crianças grandes: uma espécie de estágio intermediário entre a criança e o homem, que é, este sim, uma pessoa de verdade.

II. A diferença em relação ao homem

Homens e mulheres

Quando a natureza dividiu o sexo humano em duas partes, não fez o corte exatamente na metade. Em toda polaridade, a diferença entre o pólo positivo e o negativo não é puramente qualitativa, mas também quantitativa. É assim que também os antigos e os povos orientais viam as mulheres e, conseqüentemente, reconheciam a posição adequada a elas muito melhor do que nós, com nossa galanteria francesa fora de moda e nossa veneração despropositada às mulheres – a mais fina flor da estupidez germânico-cristã –, que só serviu para torná-las arrogantes e sem consideração, fazendo às vezes lembrar os macacos sagrados de Benares, que, por terem consciência de sua santidade e inviolabilidade, se permitiam tudo e qualquer coisa.

A injustiça da natureza

A natureza sempre mostrou uma grande preferência pelo sexo masculino. O homem tem a vantagem da força e

da beleza. Em relação à satisfação sexual, o prazer está todo do lado dele. Do lado da mulher, ao contrário, está toda a carga e todas as desvantagens. [...] Se o homem quisesse tirar vantagem dessa parcialidade da natureza, a mulher seria o ser mais infeliz do mundo; pois somente sobre ela recaiu o cuidado com as crianças, e ela ficou desamparada com suas forças débeis.

Maturidade – masculina e feminina

Quanto mais nobre e perfeita é uma coisa, tanto mais tarde e mais lentamente ela atinge a maturidade. O homem dificilmente alcança a maturidade de sua razão e de suas capacidades intelectuais antes dos vinte e oito anos de idade; a mulher, aos dezoito. Trata-se também de uma lógica: uma lógica bem medida. Por isso, as mulheres permanecem crianças ao longo de toda a sua vida, sempre vêem apenas o que está próximo, prendem-se ao presente, tomam a aparência das coisas pelas coisas em si e antepõem ninharias aos assuntos mais importantes.

A vaidade – na mulher e no homem

A vaidade das mulheres, mesmo quando não é maior que a dos homens, é pior, pois está totalmente voltada

para coisas materiais, a saber, para sua beleza pessoal e, na seqüência, para o brilho, a pompa, o esplendor. É por isso que a sociedade é, com razão, seu elemento. Isso, juntamente com seu intelecto inferior, a faz inclinar-se ao esbanja- mento, motivo pelo qual um homem antigo já dizia: δαπανηρα φυσει γυνη ["As mulheres são pródigas por natureza", Menandro, Monostichoi, 97]. A vaidade dos homens, ao contrário, volta-se freqüentemente para preferências não-materiais, como o entendimento, a erudição, a coragem e coisas do gênero.

A honra sexual – masculina e feminina

A honra sexual se divide em honra feminina e honra masculina. A primeira e a mais importante é a honra feminina, uma vez que na existência feminina o comportamento sexual é o que mais importa. Ela é a opinião geral dos outros de que uma moça solteira não se entregou a nenhum homem e de que a mulher casada se entregou apenas a seu esposo. Em relação ao sexo masculino, ela reflete a opinião de que um homem, tão logo tenha conhecimento de que sua mulher cometeu adultério, deve separar-se dela e puni-la imediatamente e tanto quanto possível.

O amor aos filhos — da mãe e do pai

O primordial amor de mãe é, tanto nos animais como nas pessoas, puramente instintivo. Por isso ele cessa com a falta de habilidade física da criança. [...] O amor do pai em relação a seus filhos é de outra natureza e mais sólido: baseia-se em um reconhecimento de seu próprio eu interno neles; é, portanto, de origem metafísica.

Ânsia de conhecimento e curiosidade

O anseio por conhecimentos, se dirigido para coisas gerais, chama-se ânsia de conhecimento; dirigido a coisas particulares, curiosidade. Na maioria das vezes, os meninos mostram ânsia de conhecimento; as meninas, pura curiosidade; esta, porém, num grau muito elevado e sempre com uma ingenuidade exasperadora.

Beleza – masculina e feminina

A beleza dos rapazes está para a beleza das moças assim como a pintura a óleo está para a pintura em pastel.

A mulher e sua estreiteza de visão

E graças à razão que o ser humano, diferentemente do animal, não vive simplesmente o presente, mas também vislumbra e considera o passado e o futuro; é nisso que têm origem seus cuidados, suas preocupações e suas freqüentes angústias. A mulher, em conseqüência de sua razão débil, participa menos das vantagens e desvantagens que isso traz. Ela é, antes, uma mente míope, na medida em que sua inteligência intuitiva enxerga com acuidade o que está próximo, mas em contrapartida tem um círculo de visão estreito, no qual o que está distante fica de fora; é por isso que tudo o que está ausente, que é passado ou ainda virá, atua de modo muito mais fraco sobre as mulheres do que sobre nós. É também daí, pois, que se origina a tendência ao esbanjamento, que é milito mais freqüente nelas e às vezes as confina à loucura... δαπανηρα φυσει γυνη ["As mulheres são pródigas por natureza", Menandro, Monostichoi, 97]. [...] Não obstante as muitas desvantagens que tudo isso possa trazer, tem também seu lado bom, que é o fato de a mulher ficar mais absorvida no presente do que nós e, por essa razão, quando o presente é apenas suportável, aproveitá-lo melhor. Daí provém o contentamento característico da

mulher, que é apropriado à recuperação do homem, sobrecarregado de preocupações.

III. As tarefas que estão de acordo com sua natureza

Coito e gravidez

O coito é principalmente coisa de homem; a gravidez, total e somente da mulher.

Paciência e submissão

A simples observação da figura feminina já mostra que a mulher não foi destinada a grandes trabalhos intelectuais ou tampouco físicos. Ela carrega a culpa da vida não por meio da ação, mas do sofrimento, por meio das dores do parto, do cuidado com as crianças, da submissão ao homem, para quem ela deve ser uma companheira paciente e alegre. Os mais intensos padecimentos, alegrias e pesares não lhe são destinados; ao contrário, sua vida deve transcorrer de forma mais serena, mais insignificante e mais moderada do que a do homem, sem que possa ser essencialmente mais feliz ou infeliz.

O destino da mulher

As mulheres existem somente para a propagação da espécie, e seu destino se reduz a isso; assim, elas geralmente vivem mais para a espécie do que para o indivíduo; no fundo, levam mais a sério os assuntos da espécie do que os dos indivíduos. Isso confere a toda a sua essência e a todos os seus impulsos uma certa leviandade e uma posição basicamente diferente da do homem, o que origina a discórdia tão freqüente e quase normal no casamento.

Disposição para ser vítima

A mulher precisa sacrificar a flor de sua juventude com um homem já murcho ou logo sentir que já não é objeto útil para um homem que ainda tem vigor.

Sua ocuparão principal

No fundo, as jovens consideram suas atividades domésticas ou profissionais como coisa secundária, e de forma alguma como simples prazer. Como sua única vocação verdadeira, elas consideram o amor, as conquistas

e o que mais tenha relação com isso, como os trajes, a dança etc.

Mulheres e domínio

Que a mulher, por sua própria natureza, está destinada à obediência se reconhece no fato de que todas que, contrariando sua natureza, estejam numa situação de total independência ligam-se logo a um homem qualquer, por quem se deixam guiar e dominar; porque elas precisam de um amo. Se for jovem, este será um amante; se for velha, um confessor.

IV. Suas vantagens

Realismo feminino

As mulheres são decididamente mais sóbrias do que nós; de modo que elas não enxergam nas coisas mais do que realmente ali está; já nós, quando temos as paixões acesas, facilmente aumentamos os fatos ou lhes acrescentamos algo imaginário.

A mulher como conselheira

Segundo a sabedoria dos antigos germânicos, em assuntos difíceis não é de forma alguma condenável consultar também as mulheres, pois o jeito delas de conceber as coisas é completamente diferente do nosso, especialmente porque elas preferem vislumbrar sempre o caminho mais curto para atingir o objetivo e, assim, vislumbram o que está mais perto, sendo que nós, justamente porque está muito próximo de nosso nariz, na maioria das vezes o enxergamos longe demais; assim, precisamos de ajuda para sermos trazidos de volta e recuperarmos a visão próxima e simples.

V. Suas fraquezas

O defeito fundamental da mulher:
causas e conseqüências

Como defeito fundamental do caráter feminino encontramos a injustiça. Ele se origina em primeiro lugar na falta de racionalidade e de reflexão, mas sustenta-se também no fato de que, na qualidade de mais fracas, elas foram dirigidas pela natureza não para a força, mas para a astúcia: é daí que provém a sagacidade própria de seu instinto e sua incontida propensão à mentira. [...] Desse defeito fundamental e de seus desdobramentos originam-se ainda a falsidade, a deslealdade, a traição, a ingratidão etc.

Mentira e dissimulação

Assim como a lula, também a mulher gosta de se esconder na dissimulação e de nadar na mentira.

Todas as pessoas mentem, já desde os tempos de Salomão; porém, antigamente a mentira ainda era um vício da natureza ou o capricho de um instante, e não necessidade e lei, como ela agora se tornou sob o domínio muito elogiado das mulheres.

Assim como a natureza equipou os leões com garras e dentes, os elefantes com presas, os javalis com colmilhos, os touros com chifres e a sépia com a tinta que turva a água, também proveu a mulher com a arte da dissimulação, para sua proteção e defesa; e toda a força que ela conferiu ao homem na forma de vigor físico e razão, consagrou à mulher na forma desse dom. A dissimulação é, por isso, inerente a ela, razão pela qual cai quase tão bem às mulheres tolas quanto às espertas. Pelo mesmo motivo, fazer uso dela em qualquer ocasião lhes é tão natural como para os animais usar subitamente suas armas no ataque, sendo que elas sentem que usá-la constitui por assim dizer um direito seu.

Uma mulher totalmente verdadeira e não-dissimulada é talvez algo impossível. Exatamente por isso elas percebem facilmente a dissimulação alheia, de forma que não é aconselhável tentar usá-la perante elas.

O patrimônio

Todas as mulheres, com raras exceções, têm inclinação para o esbanjamento. Por isso, todo o patrimônio existente, exceto nos casos raros em que ela própria o adquiriu, deve ser seguramente resguardado de sua imprudência.

O dinheiro

No fundo, as mulheres pensam que os homens estão destinados a ganhar dinheiro, enquanto elas, ao contrário, devem gastá-lo – se possível ainda durante o tempo de vida do homem, ou ao menos, após a sua morte. O próprio fato de o homem entregar a ela o dinheiro para o orçamento doméstico reforça nelas essa crença.

VI. A escolha da mulher certa

A importância do objetivo

A profunda seriedade com que observamos de forma analítica cada parte do corpo da mulher – o que ela mesma também faz –, a escrupulosidade crítica com que analisamos uma mulher que começa a nos agradar, a obstinação de nossa escolha, a curiosa atenção com que o noivo observa a noiva, sua precaução para não ser enganado em nenhuma parte, e o grande valor que ele dá ao mais e ao menos nas partes essenciais, tudo isso deve ser totalmente adequado à importância do objetivo. Pois o pequeno a ser educado terá de carregar, ao longo de toda a sua vida, uma parte semelhante. Se, por exemplo, a mulher for ainda que só um pouco curvada, poderá facilmente impingir uma corcunda a seu filho. E assim em tudo o mais.

De que idade?

A consideração mais importante, que orienta nossa escolha e inclinação, é a idade. No geral, podemos estabelecer o período que engloba os anos que vão desde a primeira menstruação até a última. Contudo,

decisivamente damos preferência ao período que vai dos dezoito aos vinte e oito anos. Fora desses anos, nenhuma mulher é capaz de nos excitar: uma velha, ou seja, uma mulher que não menstrua mais, desperta nossa repugnância. A juventude sem a beleza tem ao menos a atração; a beleza sem a juventude, não.

Que medidas corporais?

Os seios fartos exercem uma extraordinária atração sobre o sexo masculino, pois, estando diretamente ligados às funções de propagação da mulher, prometem ao recém-nascido alimentação abundante. Porém, as mulheres extremamente gordas despertam nossa aversão. A razão é que essa característica remete à atrofia do útero, portanto à infertilidade, o que é sabido não pela cabeça mas pelo instinto.

Olhos, boca, nariz e feições

Somente a última consideração está ligada à beleza do rosto. Também aqui são consideradas sobretudo as partes ósseas; por isso, o mais importante a observar é um belo nariz; um nariz pequeno e arrebitado estraga tudo. Sobre a felicidade da vida de inúmeras moças, uma pequena

curvatura do nariz, para baixo ou para cima, já foi decisiva, e com razão, pois ela é tida como o tipo da espécie. Uma boca pequena, com a ajuda de pequenos maxilares, é essencialmente uma característica do rosto humano em contrapartida ao dos animais. Um queixo recuado, por assim dizer cortado, é especialmente repugnante, pois o *men-turn jrrominulum* é um decisivo traço característico de nossa espécie. Finalmente, chegamos à consideração sobre os belos olhos e a testa. Eles estão relacionados com as características psíquicas, sobretudo com as intelectuais, herdadas da mãe.

A necessária alquimia

Para que surja uma tal inclinação passional verdadeira, é necessário algo que só se deixa expressar por meio de uma metáfora química: ambas as pessoas precisam se neutralizar, como os ácidos e os álcalis, em um sal neutro.

O equilíbrio natural

Os fisiologistas sabem que tanto a masculinidade quanto a feminilidade admitem incontáveis graus, pelos quais a masculinidade desce até o hermafroditismo e a hipospadia repugnantes e a feminilidade sobe até a

androginia graciosa. Em ambos os lados pode-se alcançar um hermafroditismo completo, no qual há indivíduos que, por se manterem exatamente no meio de ambos os sexos, não podendo ser contados em nenhum dos dois, são em conseqüência inúteis para a reprodução. Para a neutralização mútua de duas individualidades, aqui abordada, é necessário portanto que o determinado grau de masculinidade dele corresponda exatamente ao determinado grau de feminilidade dela, para que ambas as partes se neutralizem mútua e precisamente. Por isso, o homem mais viril irá buscar a mulher mais feminina e vice-versa, e também assim todo indivíduo busca outro que corresponda a seu grau de sexualidade.

Somente a beleza não é suficiente

O caso raro de um homem apaixonar-se por uma mulher nitidamente feia acontece quando na harmonização precisa dos graus de sexualidade, acima citada, as anomalias dela, em seu conjunto, são exatamente opostas às dele, ou seja, funcionam como um corretivo. Nesses casos, a paixão costuma alcançar um grau elevado.

Analisar a família de origem

A pessoa não vai escrever nenhuma Ilíada se tiver por mãe uma paspalhona e por pai um molengão; também não, se ela estuda em seis universidades.

Portanto: nunca por paixão!

E não faça você mesmo a sua escolha, ainda que loucamente apaixonado, pois a paixão sempre cega. Tenho visto que esses casamentos quase sempre terminam de forma infeliz. Deixe que outros, benfeitores, escolham por você. A visão objetiva encontra o que há de mais certo, e a razão é uma candidata à noiva muito melhor do que o louco entusiasmo.

VII. O amor

Definição

O amor é o mal.

Ele tem suas raízes somente no instinto sexual

Toda paixão, por mais etérea que ostente ser, tem suas raízes apenas no instinto sexual; sim, constitui-se inteiramente apenas de um instinto sexual mais bem definido, especializado e, no sentido mais estrito, individualizado.

Ele é um poder metafísico

O que, em última instância, leva dois indivíduos de sexos diferentes a se atraírem exclusivamente um pelo outro com tal poder é o desejo de vida que se manifesta em toda a espécie.

Uma loucura

Aquilo que, na aparência, se mostra como a paixão elevada e mútua dos futuros pais, que considera inferior tudo o que está fora dela, é de fato uma ilusão sem igual, em conseqüência da qual um homem apaixonado

entregaria todos os bens do mundo para copular com uma determinada mulher. Essa mulher, porém, não pode lhe oferecer nada mais do que qualquer outra.

Ele é cego

Quanto mais a vontade da espécie se revela mais forte que a do indivíduo, de forma que aquele que ama fecha os olhos a todas as características que lhe são repugnantes, não repara em nada, ignora tudo e se une para sempre ao objeto de sua paixão, tanto mais essa ilusão irá cegá-lo completamente e, tão logo satisfeito o desejo da espécie, ela irá se desvanecer e deixará apenas uma companheira detestável. Somente isso poderia explicar o fato de vermos constantemente homens bastante racionais, excepcionais, unidos a dragões e a mulheres que mais parecem o demônio e não entendermos como puderam fazer tal escolha. Por essa razão, os antigos representavam o deus Amor como cego.

Ele é comédia ou tragédia

Estar apaixonado sempre traz para a pessoa fenômenos cômicos em meio também aos trágicos; e ambos porque a pessoa apaixonada, possuída pelo espírito

da espécie, passa a ser dominada por esse espírito e não pertence mais a si própria.

Ele é poesia

A sensação de estar tratando de assuntos de importância tão transcendental é o que faz com que os apaixonados elevem-se tão acima de tudo o que é terreno, sim, acima de si mesmos, e dá a seus desejos tão físicos uma roupagem tão hiperbólica, de forma que o amor se torna um episódio poético até mesmo na vida das pessoas mais prosaicas. Nesse último caso, a coisa adquire por vezes um ar cômico.

Ele não é o culto da beleza

O amor é para vós como uma religião; vós credes, quando estais amando, render-se ao culto da beleza e alcançar os concertos celestiais. Não vos embriagueis de palavras. Não, vós estais simplesmente, ainda que sem o saber, resolvendo um problema de harmonias fisiológicas.

Ele é o sopro de vida da espécie

A ânsia do amor, o Hímero, que tem ocupado incessantemente os poetas de todos os tempos em incontáveis formas de expressá-lo, e que não esgota o objeto, sim, nunca pode satisfazê-lo o bastante, essa ânsia que associa a posse de uma determinada mulher à idéia de uma felicidade infinita e uma dor inexprimível ao pensamento de que tal posse não será alcançada, essa ânsia e essa dor do amor não conseguem extrair sua substância das necessidades de um indivíduo efêmero, mas são o suspiro do espírito da espécie, que vê aqui a conquista ou a perda de um meio exclusivo de atingir seus objetivos e, por isso, solta gemidos altos e profundos. A espécie em si tem vida infinita e, por essa razão, é capaz de ter desejos infinitos, satisfação infinita e sofrimentos intermináveis. Esses, porém, estão enclausurados no peito apertado de um mortal. Por isso, não é de admirar que tal peito pareça querer explodir e não consiga encontrar uma expressão para a sensação que o invade de delícia infinita ou de dor infinita.

Ele é uma manobra secreta

Quando olhamos o tumulto da vida, vemos todos ocupados com a angústia e o tormento, todos empregando suas forças para satisfazer as necessidades intermináveis e afastar o sofrimento que se desdobra em múltiplos aspectos, sem contudo poder esperar em recompensa algo diferente da conservação dessa existência atormentada, individual, por um curto espaço de tempo. Mas nesse intervalo, no meio da turba, vemos os olhares de dois seres apaixonados encontrar-se ansiosos. Todavia, por que tão secretamente, tão receosos e furtivos? Porque esses seres apaixonados são os traidores, que secretamente aspiram a perpetuar a angústia total e o tormento que, do contrário, alcançaria um breve final, que eles não querem seja atingido, assim como fizeram seus antecessores.

O amor exclusivo

É uma ilusão voluptuosa, que engana o homem, achar que ele vai encontrar um prazer maior nos braços de uma mulher cuja beleza lhe agrada do que nos de qualquer outra; ou a idéia de que, dirigida exclusivamente a um único indivíduo, o convença plenamente de que a posse dessa mulher lhe trará uma felicidade efusiva.

O amor espiritual

Foi uma mulher, Diotima, que introduziu Sócrates na ciência do amor espiritual; e foi Sócrates, o divino Sócrates, que, para perenizar sem esforço a dor do mundo, transmitiu à posteridade essa ciência funesta por meio de seus alunos.

O verdadeiro amor

Visto que não há dois indivíduos totalmente iguais, a cada homem determinado corresponde o mais perfeitamente possível uma certa mulher – sempre no sentido da reprodução. Tão raro quanto o acaso de eles se encontrarem é o verdadeiro amor passional.

Amor nos tempos da epidemia

A doença venérea exerce sua influência muito além do que à primeira vista possa parecer, na medida em que ela não é de forma alguma uma doença meramente física, mas também moral. Desde que a aljava de Amor também contém flechas envenenadas, o relacionamento entre os sexos passou a ter um elemento estranho, hostil, diabólico,

em conseqüência do qual é perpassado por uma desconfiança sombria e temerosa.

Amor e fé

O amor é como a fé: não se deixa forçar.

O deus Amor

Os antigos personificaram o gênio da espécie no Cupido, um deus – a despeito de sua aparência infantil – agressivo, cruel e mal-afamado, um demônio caprichoso e despótico, mas ainda assim senhor dos deuses e dos homens:

σὺ δ' ὦ θεῶν τύραννε κ' ἀνθρώπων, Ἔρως!

(Tu, deorum hominumque tyranne, Amor!)

[Tu, Eros, tirano dos deuses e dos homens!]

Euripides, Andrômaca, Fr. 132; vide Stobaios, Florilégio, II, 385, 17]

Tiro mortal, cegueira e asas são seus atributos. Essas últimas apontam para a inconstância, que, em regra, surge já com a decepção, que é a conseqüência da satisfação.

Espinosa

Para animar, a definição de amor de Espinosa, por sua exagerada ingenuidade, merece ser citada: Amor *est titillatio*, *concomitante idea causae externae* [O amor um prurido acompanhado da idéia de uma causa externa] (Ética, IV, prop. 44, dem.).

O amor no espelho

Um amante sem esperança pode comparar de forma epigramática sua beldade cruel ao espelho côncavo, ou seja, aquilo que, como ele, brilha, incendeia e consome, mas que com tudo isso permanece frio.

As amantes passam, assim como os pensamentos

A presença de um pensamento é como a presença de uma amante: achamos que nunca iremos esquecer o pensamento, e que nunca seremos indiferentes à amante; porém, longe dos olhos, longe do coração. Os pensamentos mais belos são irrecuperáveis se não forem anotados, e das amantes procuramos depois escapar, se não as desposamos.

Suicídio por amor

Nos graus mais elevados da paixão, essa quimera torna-se tão radiante, que, quando a paixão não pode ser alcançada, a própria vida perde todo o seu encanto e parece passar a ser tão vazia de alegrias, insípida e intragável, que o asco supera até mesmo o medo da morte; eis por que ela é às vezes voluntariamente encurtada. O desejo dessa pessoa cai no redemoinho de desejos da espécie, ou mantém tão bem a preponderância sobre o desejo individual, que quando tal indivíduo não é capaz de atuar na primeira categoria, desdenha ser na última. O indivíduo é aqui um recipiente frágil demais para que possa suportar a ânsia infinda do desejo da espécie, concentrada em um objeto determinado. Nesse caso, a saída é, portanto, o suicídio, às vezes o duplo suicídio de ambos os amantes; a não ser que, para a salvação da vida, a natureza permita que se instale a loucura, que com seu véu encobrirá então a consciência dessa situação de desesperança. Não passa um ano sem que vários casos desse tipo comprovem a realidade do que foi apresentado.

VIII. A vida sexual

Metafísica do amor sexual

Minha metafísica do amor sexual é uma pérola.

O magnetismo sexual – no homem e na mulher

O homem é por natureza inclinado à inconstância no amor. A mulher, à constância. O amor do homem diminui notadamente a partir do momento em que alcança a satisfação. Praticamente qualquer outra mulher o excita mais do que aquela que ele já possui: ele anseia por variação. O amor da mulher, ao contrário, aumenta precisamente a partir daquele momento. Isso é uma conseqüência do objetivo da natureza, que está voltado à conservação da espécie e, assim, está voltado o mais intensamente possível para a reprodução. O homem de fato pode gerar tranqüilamente mais de cem filhos por ano, se lhe estivesse à disposição um grande número de mulheres; a mulher, em contrapartida, mesmo com muitos homens, só pode trazer ao mundo um único filho por ano (com exceção dos gêmeos). É por isso que ele está sempre de olho nas outras mulheres; já ela se fixa em um único homem, pois a natureza a leva de forma instintiva e

espontânea a permanecer com o provedor e o protetor da futura prole.

A satisfação sexual – no homem e na mulher

A natureza organizou as relações de forma ruim: ao homem é impossível satisfazer o instinto sexual, desde o seu surgimento até a sua extinção, de uma forma legal. A não ser que ele se torne viúvo ainda jovem. Para a mulher, a limitação a um único homem, que se estende pelo curto período de sua juventude e aptidão sexual, é uma situação não-natural. Ela deve guardar para um único homem aquilo de que ele pode não precisar e que muitos outros lhe cobiçam. E, mesmo resguardando-se, ela sofrerá privação. Calcule-se isso!

E tal fato ocorre especialmente porque o número de homens hábeis para a cópula é sempre o dobro do de mulheres aptas para isso, motivo pelo qual toda mulher é constantemente exposta a tentações, mais ainda, as espera automaticamente, quando um homem se lhe aproxima.

O instinto sexual que a tudo domina
e se impõe — no homem e na mulher

O domínio natural da mulher sobre o sexo masculino por meio da sensação de satisfação dura cerca de dezesseis anos. Aos quarenta anos, a mulher não está mais apta para a satisfação sexual. O instinto sexual do homem dura mais do que o dobro desse tempo.

Satisfação sexual como instinto

Atualmente, acredita-se que o ser humano não tenha nenhum outro instinto senão simplesmente o que leva o recém-nascido a procurar e sugar o seio materno. No entanto, temos um instinto muito definido, claro, complexo, a saber, aquele que está ligado à escolha tão apurada, cuidadosa e obstinada de outro indivíduo para a satisfação sexual. Com essa satisfação em si mesma, ou seja, até quando ela representa um prazer sensual que atende a uma necessidade urgente do indivíduo, a beleza ou a feiúra do outro indivíduo nada tem a ver. Contudo, a atenção dispensada de forma tão diligente a elas, ao lado da escolha cuidadosa daí originária, está claramente relacionada, portanto, não à pessoa que procede à escolha em si, ainda que ela o presuma, mas ao objetivo

verdadeiro, ao ser que será gerado, no qual o tipo da espécie deverá ser mantido da forma mais pura e correta possível.

É visível o cuidado com que um inseto procura uma determinada flor ou fruta, esterco ou carne, ou, como o icnêumon, uma larva de outro inseto, para somente lá pôr seus Ovos, e para alcançar esse local ele não poupa esforços e enfrenta perigos. De forma muito análoga a ele, o homem escolhe cuidadosamente para a satisfação sexual uma mulher com determinadas qualidades, que individualmente correspondem às dele, e tão dedicadamente se esforça por ela que freqüentemente, para alcançar esse objetivo, a despeito de toda razão, sacrifica sua própria felicidade na vida por meio de um casamento insensato, por meio de uma aventura amorosa que lhe custa o patrimônio, a dignidade e a vida, e até mesmo por meio de delitos como o adultério ou o estupro. Tudo isso apenas para servir à vontade da natureza, da espécie, soberana em toda parte, da forma mais apropriada possível ao objetivo, ainda que ao custo do indivíduo.

Marca da espécie

O encanto vertiginoso que arrebata o homem ao olhar uma mulher cuja beleza lhe parece adequada e que faz com que ele imagine a união com ela como o bem maior é justamente o espírito da espécie – reconhecendo claramente a marca manifesta dessa, ele quer perpetuá-la com tal mulher.

Melhor que os leões!

Eu esperava que o coito dos leões, como afirmação da vontade em sua manifestação mais impetuosa, fosse acompanhado de sintomas muito veementes; e fiquei surpreso de encontrar longe deles o que costuma acompanhar o coito humano. Também aqui é decisivo, portanto, para a alta significância do fenômeno, não o grau de impetuosidade do querer, mas o grau de reconhecimento: assim como o som não é tão amplificado pelo tamanho da corda, mas pelo tamanho da caixa de ressonância.

A cobiça sexual...

A cobiça sexual, tanto mais quando concentrada e fixa em uma determinada mulher por meio da paixão, é a quintessência da trapaça total desse mundo nobre, uma vez que ela promete coisas tão inefáveis, infinitas e efusivas e, depois, mantém tão miseravelmente pouco.

... o instinto sexual...

Os caprichos provenientes do instinto sexual são totalmente análogos aos fogos-fátuos; eles nos iludem da forma mais vivaz possível, mas, se os seguimos, levam-nos ao pântano e desaparecem.

... e sua satisfação

A satisfação do instinto sexual é em si simplesmente condenável, porque ela é a mais forte afirmação da vida. Isso é válido tanto para a satisfação no casamento como fora dele. A última, porém, é duplamente condenável, porque além de tudo ela é a negação da vontade alheia, na medida em que, com ela, a moça, direta ou indiretamente, cai na infelicidade. O homem, portanto, satisfaz seu desejo às custas da felicidade de outrem.

Amor e ódio

O amor sexual se combina até mesmo com o mais extremo ódio contra seu objeto; por esse motivo, Platão já o comparava ao amor dos lobos pelas ovelhas.

Barba e sexualidade

Sendo a barba uma meia-máscara, ela deveria ser proibida pela polícia. Além disso, como é uma marca sexual no meio do rosto, ela é obscena. É por isso que agrada às mulheres.

O reverso da medalha

Os enganos que os desejos eróticos nos preparam devem ser comparados a certas estátuas que, em virtude de sua posição, contam-se entre as que somente devem ser vistas de frente e, assim, parecem belas, ao passo que por trás oferecem uma vista feia. De maneira parecida é aquilo que a paixão nos prepara: enquanto a projetamos e a vemos como algo vindouro, é um paraíso da delícia, mas, quando passamos para o outro lado e, por conseguinte, a vemos por trás, ela se mostra como algo fútil e sem importância, quando não totalmente repugnante.

Ostras e champanhe

O filisteu, uma pessoa sem necessidades intelectuais, [...] vive sem prazeres intelectuais. [...] Por vontade própria, nenhum anseio por conhecimento e reflexão movimenta sua existência, nem mesmo por prazeres verdadeiramente estéticos, aos quais aquele primeiro está inteiramente ligado. Aquilo, porém, que o impele a prazeres dessa natureza, seja pela moda, seja pela autoridade, é encarado por ele como um tipo de trabalho forçado e concluído o mais brevemente possível. Prazeres de verdade para ele são apenas os físicos: por meio deles ele se sente compensado. Por conseguinte, ostras e champanhe são o ponto alto de sua existência.

Relacionamento sexual e procriação: tudo a seu tempo

Como ponto de partida torno uma posição de Aristóteles na Política, VII, 16. Nela, ele expõe primeiramente que as pessoas jovens demais geram crianças ruins, fracas, deficientes, que não crescem; e o mesmo é válido para as crianças geradas de pessoas muito velhas. [...] Por isso, Aristóteles prescreve que quem tem cinqüenta e quatro anos não deve mais pôr filhos no mundo; se bem que essa pessoa deva continuar praticando

a cópula por motivos de saúde ou por outras razões. De que forma isso deveria ser realizado, ele não diz; sua idéia parte claramente do princípio de que as crianças geradas em tal idade devem ser eliminadas por meio de aborto, visto que poucas linhas antes ele recomendava isso. A natureza, por sua vez, não pode negar o fato que está na base da prescrição de Aristóteles, mas também não consegue suprimi-lo. Pois, em virtude de seu princípio natura *non facit saltus* [A natureza não dá saltos, De *incessu animalium* 704 b 15, 708 a 9] , a natureza não consegue suspender repentinamente a produção de esperma do homem, mas também aqui, como em tudo o que é mortal, ocorre uma deterioração gradual. Pois hem, a geração de filhos nessa fase colocaria no mundo pessoas fracas, apáticas, doentes, desgraçadas e de vida curta. Pois é, a natureza freqüentemente age assim: as crianças geradas por pessoas de mais idade geralmente morrem muito precocemente, quase nunca atingem a idade avançada, são em maior ou menor escala débeis, doentes, fracas, e geram crianças com qualidades semelhantes. O que aqui foi dito sobre a geração de crianças na idade do declínio é igualmente válido para as pessoas imaturas.

A virgindade

A virgindade é bela, não porque constitui uma abstinência, mas porque é inteligência, visto que ela contorna a artimanha da natureza.

Relação sexual e doenças

Para que o instinto sexual não ganhe muito poder sobre as pessoas, a doença venérea é uma barreira muito providencial.

No âmbito das ciências naturais, foi feita uma esplêndida descoberta, que representa um dos maiores benefícios ao sexo humano: descobriu-se um meio com o qual se pode satisfazer perfeitamente as exigências da natureza sem o risco, que havia até agora, de ser contagiado por alguma doença, nos bordéis. Ele se constitui do seguinte: dilui-se, em um copo cheio de água, uma porção de cloreto de cal e, então, após o coito, lava-se o pênis com essa solução, de forma que todo o agente maléfico recebido é inteiramente destruído.

IX. O casamento

O que é o casamento

Le manage est un piége, que la nature nous tend. [O casamento é uma armadilha que a natureza nos prepara.]

Por que nos casamos

O sexo feminino exige e espera do masculino tudo, de fato tudo o que deseja e de que precisa. O masculino exige do feminino em primeiro lugar e diretamente apenas uma coisa. Por isso, o arranjo deve ser feito de forma que o sexo masculino só consiga obter essa coisa se assumir os cuidados com tudo e, além disso, com os filhos advindos da união. É desse arranjo que depende o bem-estar do sexo feminino.

O que fazer?

A pergunta sobre se seria melhor casar ou não casar encontra resposta, em muitos casos, questionando-se se as preocupações com o amor são melhores do que as preocupações com o sustento.

Casamento = disputa e escassez! Situação do solteiro = paz e abundância.

Casar com a ciência

Não casem! Ouçam meu aviso: não casem! Deixem que a ciência seja sua amante e companheira. Vocês vão se sentir mil vezes melhor com isso. Nosso casamento ocidental é a coisa mais absurda que se poderia imaginar! Que carga e deveres excessivamente pesados ele põe sobre o homem em troca de alegrias efêmeras que barganha!

Não casamos com a inteligência

Com o casamento não se tem em vista a diversão espirituosa, mas a geração de filhos. Ele é uma união de corações, não de cabeças. Trata-se de pretensão afetada e ridícula quando as mulheres afirmam terem se apaixonado pelo espírito de um homem, ou então é o exagero de um ser degenerado.

A despeito de todas as diferenças

Causa-nos estranheza quando vemos um homem e uma mulher unir-se em casamento por paixão, sendo suas

cabeças as mais diferentes sobre a face da terra; por exemplo, ele é bruto, rude e limitado, ela, delicada, arguta, sensível ao belo etc. Ou então ele é genial e muito instruído, ela, uma paspalhona. E ainda assim eles são fortemente atraídos um pelo outro e são feitos um para o outro. O motivo disso é que aqui a vontade atua por si própria, sendo que o foco é o outro pólo, as genitálias.

Casamento e fastio

Casar significa fazer o possível para se tornar repugnante um ao outro.

Casamento e estupro

Somente os modernos otimistas protestantes qualificam o casamento como algo elevado, santo, divino. Tertuliano, ao contrário, disse que o casamento não é essencialmente diferente do estupro.

Casamento e direitos iguais

As leis européias relativas ao casamento tomam a mulher como igual ao homem; partem, portanto, de um pressuposto incorreto.

O homem casado – uma pessoa pela metade

Em nossa parte monogâmica do mundo, casar significa dividir seus direitos ao meio e dobrar seus deveres.

Por amor ou por interesse?

O homem que com seu casamento visa ao dinheiro em lugar da satisfação de sua atração vive mais para o indivíduo do que para a espécie, o que justamente contraria a verdade e, por isso, se mostra contrário à natureza e desperta um certo desprezo. Uma moça que se vira contra o conselho de seus pais em relação ao pedido de um homem rico e que não é velho, para – não levando em conta todas as considerações sobre conveniências – fazer sua escolha somente de acordo com sua tendência instintiva, sacrifica seu bem-estar individual em favor do da espécie. Porém, exatamente por esse motivo não se pode deixar de conceder-lhe uma certa aprovação, pois ela deu preferência ao mais importante e agiu em prol da natureza (ou melhor, da espécie), ao passo que os pais foram tomados pelo espírito do egoísmo individual.

Casamento por amor

Casar apenas "por amor" e não ter de se arrepender disso tão cedo, sim, casar, no geral, significa enfiar a mão em um saco, de olhos vendados, na esperança de descobrir uma enguia no meio de um monte de cobras.

Os casamentos por amor são celebrados no interesse da espécie, não dos indivíduos. Na verdade, as partes presumem atuar em prol da felicidade própria, porém seu objetivo real é estranho a elas mesmas, na medida em que ele subjaz à geração de um indivíduo, possível somente por meio delas. Unidas por esse objetivo, elas devem continuar tentando entender-se uma com a outra tão bem quanto possível. Contudo, muito freqüentemente o casal unido por meio daquela ilusão instintiva, que é a essência do amor passional, passa a ter, nas outras coisas, natureza da mais heterogênea. Isso ocorre no dia em que a ilusão se desvanece, como necessariamente precisa acontecer. De acordo com isso, os casamentos celebrados por amor caem, em regra, na infelicidade. Pois, por meio deles, providencia-se a geração seguinte às custas da atual. Quien se casa por amores, ha de vivir con dolores [Quem se casa por amor tem de viver com a dor], diz um provérbio espanhol.

Casamento e felicidade

Casamentos felizes são conhecidamente raros; até porque está na essência do casamento que seu objetivo principal não é a geração atual, mas a que virá. Entretanto, para consolo dos espíritos sensíveis e apaixonados deve-se ainda acrescentar que, em certas ocasiões, ao amor sexual passional se agrega um sentimento de origem muito diversa, a saber, de amizade verdadeira, baseada na compatibilidade dos jeitos de ser. Essa amizade, contudo, na maioria das vezes só aparece quando o amor sexual verdadeiro se extinguiu por meio da satisfação.

Pecados da juventude

A maioria dos homens se deixa seduzir por um rosto bonito; pois a natureza os induz a se unirem às mulheres na medida em que ela mostra de uma vez todo o lado brilhante delas ou deixa atuar o "efeito teatral"; mas esconde vários males, que elas conseqüentemente trazem, entre eles tarefas intermináveis, preocupações com crianças, teimosia, caprichos, envelhecimento e feiúra após alguns anos, trapaças, colocação de cornos, inquietações, ataques histéricos, amantes, inferno e diabo. Por essa

razão, designo o casamento como uma dívida, que foi contraída na juventude e paga na velhice.

Na celebração de um casamento, parece que nem o indivíduo nem o interesse da espécie precisam ser prejudicados. Porém, na maioria das vezes o que ocorre é o seguinte: o fato de a conveniência e o amor passional andarem de mãos dadas é o caso de felicidade mais raro que existe.

Femina sine pecunia imago mortis

As mulheres que foram moças pobres são muito freqüentemente mais exigentes e mais esbanjadoras do que as que trazem um rico dote; ao mesmo tempo, na maior parte das vezes, as moças ricas não trazem meramente patrimônio, mas também mais zelo, sim, o instinto de conservação herdado, do que as pobres. [...] Em todo caso, gostaria de aconselhar àquele que se casa com uma moça pobre a não deixar herança para ela, mas uma mera pensão, e especialmente a tomar cuidado para que o patrimônio dos filhos não caia nas mãos dela.

Se realmente precisas ser casado, se não és capaz de ficar sozinho, então te casa com uma mulher rica. As mulheres ricas, no mínimo, sabem lidar com as finanças

melhor do que as outras que não conhecem o valor do dinheiro porque nunca o possuíram.

Esposa e filhos

Não contei mulher e filhos entre aquilo que alguém possui, visto que esse alguém será muito mais posse deles.

Baltasar Gracián chama de camelo um homem de quarenta anos, simplesmente pelo fato de ele ter mulher e filhos.

Casamento como instituto de previdência social – por experiência pessoal

Conheço as mulheres. Elas vêem o casamento apenas como instituto de previdência social. Meu próprio pai, enfermo e muito fraco, ficou preso a seu leito de doente, e teria ficado abandonado se um velho criado não tivesse cuidado dele pelo assim chamado amor ao dever. A senhora minha mãe dava saraus, enquanto ele passava o tempo na solidão, e divertia-se enquanto ele sofria dores terríveis. É esse o amor das mulheres!

Não pagues a passagem à toa!

Quanto mais sensato e sábio alguém é, tanto pior é ele viajar junto com a metade insensata da humanidade, e com razão, pois essa ligação representa uma grande imprudência de sua parte. Trata-se daquele que completou quarenta anos de idade sem ter se sobrecarregado com mulher e filhos, e quer fazê-lo depois. Para mim, isso é como se alguém já tivesse percorrido a pé três quartos do caminho até a estação do correio e ainda quisesse gastar um bilhete para o resto da viagem.

A única motivação possível em favor do casamento

Resta, por fim, em favor do casamento apenas a assistência na velhice e na doença e um lar. Mas mesmo essas vantagens me parecem enganosas: por acaso minha mãe cuidou de meu pai quando ele ficou doente?

As viúvas

Que as viúvas fiquem se consumindo com o cadáver do companheiro é certamente revoltante; mas também é revoltante que elas dilapidem com seus amantes o patrimônio que o companheiro adquiriu pacientemente

durante toda a sua vida, por meio de esforço contínuo, trabalhando para os filhos.

Fidelidade e infidelidade

A fidelidade conjugal é artificial para o homem e natural para a mulher. Assim, o adultério da mulher, tanto do ponto de vista objetivo, por causa das conseqüências, como do ponto de vista subjetivo, pelo fato de contrariar a natureza, é muito mais imperdoável do que o do homem.

Adultério

Sendo o adultério o mais grave dos roubos, é ainda um grau pior do que o roubo.

A honra do homem exige que ele puna o adultério de sua mulher e o vingue, dentre outras formas, por meio da separação. Se ele o tolerar conscientemente, sofrerá a imposição de desonra por parte da comunidade masculina, a qual porém não é tão radical quanto a do sexo feminino, porque no homem o relacionamento sexual está colocado em lugar de importância inferior, visto que ele tem ainda muitos outros relacionamentos totalmente diferentes.

A honra feminina e a honra masculina

A honra feminina quer que não ocorra um coito ilegítimo, pois somente assim o inimigo (os homens) é obrigado à capitulação (o casamento); por isso, toda cópula ilegítima é punida pela comunidade feminina como uma traição em favor do inimigo, por meio da imposição de desonra à culpada e da expulsão do grupo.

A honra masculina quer que não ocorra nenhum adultério, pois somente assim o inimigo (as mulheres) é obrigado a, pelo menos, manter a capitulação obtida; por isso todo aquele que tolera conscientemente o adultério de sua mulher é punido pela comunidade masculina como traidor, por meio da imposição de desonra.

X. Monogamia ou poligamia?

A monogamia é contrária à natureza...

Em relação ao comportamento sexual, nenhuma parte do mundo é tão imoral como a Europa, em conseqüência da monogamia contrária à natureza.

... e contrária à razão

Não há como entender de forma racional por que um homem, cuja mulher sofre de uma doença crônica ou permanece infértil, ou então se tornou velha demais para ele, não deveria casar-se com uma segunda.

Ela cria pesos diferentes

Na monogamia, o homem tem de uma vez muita coisa e por pouco tempo; já a mulher, o contrário.

Comportamento enganoso da natureza

Na medida em que a natureza fez o número de mulheres quase igual ao de homens e, ainda assim, concedeu às mulheres um tempo durante o qual elas

podem gerar filhos e ter a aptidão para satisfazer o prazer do homem que representa apenas a metade do tempo do homem, ela (natureza) perturbou o relacionamento sexual já em sua constituição. Pelo ângulo do número igual, parece que ela apontou para a monogamia; em contrapartida, um homem tem satisfação com uma mulher apenas durante a metade de sua capacidade procriativa. Ele precisaria, portanto, arranjar uma segunda, quando a primeira se tornasse infrutífera, mas a cada um só cabe uma mulher. No que diz respeito à duração da aptidão sexual da mulher, há novamente uma desproporção: ela é capaz de, sem sofrer, satisfazer ao mesmo tempo de dois a três homens ativos. Na monogamia, ela usa apenas a metade de sua capacidade e satisfaz apenas a metade de seus desejos.

Poligamia, naturalmente!

Na poligamia não há nada a contestar, pelo contrário, ela deve ser vista como um fato existente em toda parte, e sua tarefa é a mera regulação. Onde afinal existem monogâmicos verdadeiros? Todos nós vivemos, ao menos por um período, mas na maioria das vezes sempre, na poligamia. Portanto, uma vez que todo homem precisa de muitas mulheres, não há nada mais justo que ele ter a

liberdade de dedicar-se, sim, a cuidar de várias mulheres. Por meio disso, também a mulher retornaria à sua posição certa e natural de criatura subordinada, e a dama, esse monstro da civilização européia e da idiotice germânico-cristã, com suas pretensões ridículas de respeito e honrarias, seria banida do mundo, de forma que haveria apenas mulheres, mas também não mais mulheres infelizes, de que agora a Europa está cheia.

Ela é benéfica para as mulheres...

Vista como um todo, a poligamia é um beneficio real para o sexo feminino.

... e para os mórmons

O que faz com que tantos se convertam ao mormonismo parece ser a eliminação da monogamia contrária à natureza.

Sem poligamia...

Quando esse instituto não existe, os homens são, durante a metade de suas vidas, fornicadores e, durante a outra metade, maridos traídos; e as mulheres se dividem,

de acordo com isso, em traídas e traidoras. Quem se casa jovem arrasta-se depois com uma mulher velha. Quem se casa tarde tem primeiro as doenças venéreas, depois cornos.

Poligamia e sogras

A poligamia teria, entre muitas vantagens, também a de que o homem não estaria mais tão estreitamente ligado a seus sogros, o que evitaria inúmeros casamentos realizados por temor a eles. Porém, dez sogras em vez de uma!

XI. Os direitos das mulheres

Direitos e inteligência

Quando as leis concederam às mulheres os mesmos direitos dos homens, elas deveriam ter lhes dado também um intelecto masculino.

Mulheres e padres

Às mulheres e aos padres não se devem fazer concessões.

Direito de herança

O fato de os bens duramente adquiridos pelos homens por meio de trabalho e esforços grandes e contínuos passarem, depois, às mãos das mulheres que, com sua insensatez, irão dilapidá-los em um curto espaço de tempo, ou então irão desperdiçá-los, é mesmo uma injustiça tão grande quanto constante, que deveria ser evitada por meio da restrição do direito de herança das mulheres.

A mim parece que o melhor arranjo seria aquele em que as mulheres, seja na qualidade de viúvas, seja como (ilhas, herdassem sempre apenas uma pensão vitalícia,

assegurada a elas de forma hipotecária, e não a posse de bens imobiliários ou de capital. Isto ocorreria então na falta de toda descendência masculina.

Direito ao patrimônio

Quem adquire patrimônio são os homens, não as mulheres. Por isso elas não têm direito à posse incondicional desse patrimônio, assim como não estão capacitadas para a administração dele.

Mulheres e tutela

As mulheres sempre precisam de um tutor. Por essa razão, em hipótese alguma elas deveriam obter a tutela de seus filhos.

XII. O ofício mais antigo

As causas

A constante necessidade, oriunda dos casamentos tardios dos homens, e a imprudência das mulheres são as causas da prostituição.

Vítimas da monogamia

Enquanto nos povos poligâmicos toda mulher encontra sustento, nos monogâmicos o número de mulheres casadas é limitado; isso faz restar uma infinidade de mulheres desamparadas, que nas altas classes vegetam como solteironas inúteis e velhas, mas que nas classes baixas se submetem a trabalhos pesados e desmedidos, ou então se tornam meretrizes e levam uma vida tão triste quanto indigna.

Só em Londres há 80 mil prostitutas. O que são elas, portanto, senão mulheres que foram relegadas pelo instituto monogâmico ao que há de mais medonho, verdadeiras vítimas humanas no altar da monogamia?

Dolorido mas inevitável

As prostitutas levam uma vida triste e indigna, mas sob tais circunstâncias (monogâmicas) tornam-se necessárias. Eis por que elas surgem como uma categoria publicamente reconhecida, com o objetivo especial de preservar da sedução as mulheres favorecidas pelo destino, que encontraram maridos ou podem ter a esperança de encontrá-los.

XIII. Mulheres, cultura e arte

Mulheres e arte

Com toda razão, poder-se-ia chamar o sexo feminino de não-estético. Nem para a música, nem para a poesia, tampouco para as artes plásticas as mulheres têm, real e verdadeiramente, talento e sensibilidade; quando, porém, elas afetam ou simulam essas qualidades, de nada mais se trata senão de pura macaquice voltada a seu desejo de agradar.

No teatro

Se de fato os gregos não permitiam às mulheres o ingresso aos espetáculos, eles o faziam com razão; ao menos se podia ouvir algo no teatro deles. Para o nosso tempo seria adequado acrescentar ao *taceat mulier in ecclesia* [a mulher deve permanecer calada na igreja] um *taceat mulier in theatro* [a mulher deve permanecer calada no teatro], ou substituir o primeiro pelo segundo, fixando-o com letras grandes na cortina do teatro.

Casamento, poesia e filosofia

A meta habitual da assim chamada carreira dos rapazes não é outra senão a de se tornarem o burro de carga de uma mulher. Junto dos melhores deles, a mulher aparece em regra como um pecado da juventude. O ócio total que, por meio de seu trabalho, eles obtêm para suas mulheres gastarem o dia é aquele de que o filósofo precisa. O casado carrega o fardo total da vida; o solteiro, apenas a metade. Quem se dedica às musas tem de pertencer à última classe. Por essa razão se vai descobrir que quase todos os verdadeiros filósofos permaneceram solteiros; basta ver Descartes, Leibniz, Malebranche, Spinoza e Kant. Não devemos contar os antigos, visto que entre eles as mulheres tinham uma posição subordinada; além disso, é conhecido o sofrimento de Sócrates, e Aristóteles foi um cortesão. Já os grandes poetas eram todos casados e, sem dúvida, todos infelizes. Shakespeare era até mesmo duplamente corno. Os maridos são, na maioria das vezes, Papagenos invertidos, pois, assim como para estes uma velha transforma-se, com admirável rapidez, em uma jovem, com os maridos uma jovem transforma-se, com admirável rapidez, em uma velha.

Entre os filósofos e poetas, os casados já são por si só suspeitos de estar voltados para suas coisas e não para o aprimoramento da ciência e da arte.

Gênio e beleza

O gênio dos homens dura o mesmo tempo que a beleza das mulheres, ou seja, quinze anos: dos vinte até, no máximo, os trinta e cinco anos. As mulheres não podem de fato ter gênio, quando muito talento.

As mulheres e seu desempenho na arte

As cabeças mais eminentes de todo o sexo feminino nunca trouxeram para as belas-artes uma única realização realmente grande, genuína e original, nem conseguiram colocar no mundo qualquer obra de valor permanente. [...] Exceções isoladas e parciais não alteram a coisa.

O romantismo

O romantismo é um produto do cristianismo. Religiosidade exagerada, veneração fantástica às mulheres e valentia cavalheiresca, portanto Deus, a dama e a espada são os símbolos daquilo que é romântico.

A inteligência não pode ser inculcada

Nesse ínterim, ocorreu que as mães têm feito suas filhas aprender as belas-artes, línguas e coisas do gênero, para que elas se tornem atraentes aos homens. É como se quisessem ajudar o intelecto por meios artificiais, como já se faz no caso dos quadris e dos seios.

XIV. Mulheres e sociedade

Solidariedade feminina

Entre os homens há por natureza simples indiferença; mas entre as mulheres há animosidade por natureza. [...] Já ao se encontrar nas ruas, elas se olham mutuamente como guelfos e gibelinos.

A posição social da mulher

Uma falsa posição do sexo feminino, que tem seu sintoma mais agudo em nosso mundo de damas, é um defeito fundamental da organização social, exercendo a partir do centro dessa organização sua influência prejudicial sobre todas as partes.

Diferença de posições — dos homens e das mulheres

Enquanto o homem em regra sempre fala com um certo respeito e humanidade mesmo com quem está muito abaixo dele, é insuportável ver quão orgulhosamente e com que desprezo uma mulher distinta, na maior parte das vezes, se comporta com um subalterno (que não esteja a seu serviço), ao se dirigir a ele. Talvez isso resulte do fato

de que toda a diferença de posições seja mais precária entre as mulheres do que entre nós e possa se modificar e ser suprimida mais rapidamente; pois, ao passo que entre nós uma centena de coisas é posta na balança, para elas apenas uma coisa é decisiva, a saber, a que homem elas agradaram.

Mulheres e juramento em falso

As mulheres perjuram nos tribunais com muito mais freqüência do que os homens. Dever-se-ia mesmo questionar se elas poderiam ser admitidas a prestar juramentos.

Mulheres e justiça

As mulheres, como pessoas que, por causa da fraqueza de seu intelecto, são muito menos capazes do que os homens de entender, reter e tomar como norma princípios gerais, ficam em regra atrás deles em relação à virtude da justiça e, portanto, também da probidade e da retidão; por isso, a injustiça e a falsidade são seus fardos mais freqüentes e a mentira seu elemento real. [...] A idéia de ver mulheres exercendo a magistratura desperta risos.

Na questão da justiça, probidade e retidão, as mulheres ficam atrás dos homens, pois, em conseqüência de seu intelecto fraco, o que é presente, aparente, imediatamente real exerce sobre elas um poder sobre o qual os pensamentos abstratos, as máximas existentes, as decisões solidamente tomadas, sobretudo a consideração do passado e do futuro, do ausente e do distante raramente exercem alguma influência.

Mulheres e decadência

As mulheres, na maioria das vezes, contribuíram para contaminar o mundo moderno com a lepra que o consome.

As mulheres foram e continuam sendo, consideradas em seu conjunto, os mais radicais e incuráveis filisteus. Por isso, nos arranjos altamente absurdos em que elas compartilham o status e o título do homem, são elas as constantes estimuladoras da vil ambição deles. E, além disso, por causa dessa mesma qualidade, sua supremacia e influência corrompem a sociedade moderna.

Mulheres e política

Será que não foi a crescente influência das mulheres na França da época de Luís XIII a causa do declínio gradual

da corte e do governo, que levou à primeira revolução, cujas conseqüências foram todas as transformações posteriores?

A sabedoria de Aristóteles

Aristóteles analisou na Política (livro II, cap. 9) as grandes desvantagens advindas aos espartanos do fato de, entre eles, se ter cedido tanto às mulheres, na medida em que elas tinham herança, dote e grande independência, e como isso muito contribuiu para o declínio de Esparta.

XV. Mulheres e cavalheirismo

A "dama"

A mulher no Ocidente, particularmente aquela que é chamada de "dama", encontra-se em uma falsa posição, pois a mulher, que os antigos com razão chamavam de sexus sequior, não merece de forma alguma ser o objeto de nosso respeito e veneração, trazer a cabeça mais erguida que a do homem e ter os mesmos direitos que ele. Vemos perfeitamente as conseqüências dessa falsa posição. Seria, por conseguinte, muito desejável que também na Europa esse número dois do sexo humano fosse recolocado em seu lugar natural, e que se desse um fim a esse monstro chamado dama, do qual não apenas toda a Ásia se ri, mas também a Grécia e Roma teriam se rido; as conseqüências, no aspecto social, burguês e político, seriam incalculavelmente benéficas. [...] A verdadeira "dama" européia é uma criatura que simplesmente não deveria existir; o que deveria sim haver são donas de casa e moças que tivessem a esperança de vir a sê-lo, de forma que não seriam educadas para a arrogância, mas para a vida doméstica e a submissão.

O cavalheirismo

Como forma de sociabilidade, há o cavalheirismo tecido a partir da rudeza e tolice, com seus trejeitos e rodeios produzidos de forma pedante e trazidos a um sistema com superstição degradante e afetada veneração à mulher, da qual um resto ainda existente, a galanteria, é recompensado com a arrogância feminina bem merecida e que é objeto contínuo de zombaria de todos os asiáticos, zombaria da qual também os gregos teriam participado. Na áurea Idade Média, certamente a coisa ia até o ponto do servilismo formal e metódico à mulher, com a prática instituída de' proezas, cours d'amour, pomposas cantigas trovadorescas etc.; se bem que é de notar que essas últimas façanhas, que têm sim um lado intelectual, eram realizadas principalmente na França, ao pas-so que os cavaleiros alemães, materialistas e desafinados, distinguiam-se mais nas bebedeiras e roubos; o negócio deles eram as canecas e os castelos de ladrões; nas cortes, certamente também não faltavam alguns trovadores enfadonhos.

XVI. O que ainda se deve saber

Que homens elas preferem

Para providenciar a propagação do gênero humano, a natureza destina os homens jovens, fortes e bonitos, com o intuito de que a espécie não degenere. É esse o desejo firme da natureza, e sua expressão é a paixão das mulheres. Essa lei precede, no tempo ou na força, qualquer outra. Por isso, pobre daquele que coloque seus direitos e interesses no caminho dela: eles serão, não importa o que se diga ou faça, impiedosamente esmagados na primeira ocasião importante. Pois a moral secreta, inconfessa, sim, inconsciente, porém inata das mulheres é: "Nós temos o direito de enganar aqueles que julgam ter adquirido um direito sobre a espécie, na medida em que cuidam precariamente de nós, os indivíduos. A constituição e, conseqüentemente, o bem-estar da espécie, mediante a preparação da geração seguinte, que partirá de nós, estão em nossas mãos e confiados a nosso cuidado: queremos administrar isso de forma consciente." Todavia, as mulheres não têm consciência desse superior princípio in abstrato, mas simplesmente in concreto, e não têm para ele nenhuma outra expressão, quando surge a oportunidade, senão sua maneira de agir. Nela, a

consciência lhes dá, na maioria das vezes, mais tranqüilidade do que supomos, na medida em que elas, no fundo mais escondido de seus corações, têm a consciência de que, na infração de seu dever contra o indivíduo, estão cumprindo melhor seu dever perante a espécie, cujo direito é infinitamente maior.

As mulheres dão preferência à idade de trinta a trinta e cinco anos, ainda que em detrimento dos jovens, que de fato representam a maior beleza humana. O motivo é que elas são guiadas não pelo gosto mas pelo instinto, que reconhece nas idades mencionadas o auge da força procriativa. Elas praticamente não observam a beleza, sobretudo a do rosto: é como se, somente elas fossem conferir à criança tal beleza.

A inteligência não ajuda, muito pelo contrário

A insensatez não incomoda as mulheres: tanto a capacidade intelectual preeminente, ou mesmo o gênio, quanto a anormalidade podem atuar de forma desfavorável. Eis por que se vê freqüentemente um homem feio, tolo e rude superar, perante as mulheres, um homem culto, espirituoso e amável.

Outros países, outros costumes

Em muitos países, e também no sul da Alemanha, predomina o costume ruim de as mulheres carregarem pesos, muitas vezes consideráveis, sobre a cabeça. Isto deve causar prejuízos ao cérebro, de modo que ele vai se deteriorando aos poucos, na parcela feminina da população, e, visto que é dela que o homem recebe seu cérebro, o povo todo se torna cada vez mais burro; no caso de muitas pessoas, o cérebro nem mesmo é necessário.

Até mesmo os hotentotes...

Em quase todos os povos antigos e atuais da terra, até mesmo entre os hotentotes, a propriedade de bens somente é herdada pelos descendentes do sexo masculino. Somente na Europa se desviou disso; a nobreza, contudo, não.

... e no Hindustão

No Hindustão, nenhuma mulher é independente em momento algum, mas fica sob a vigilância do pai, do marido, do irmão ou do filho.

Viva o Oriente!

Vós deveríeis lamentar a.perda do Oriente! Se o homem podia garantir abrigo e alimentação a suas mulheres, ele não precisava mais se preocupar com elas; ele podia lutar, usar armas, ouvir os sábios; era imune à degradação representada pela submissão total de um homem valente a uma paspalhona; afinal, ele era livre, pois várias mulheres o protegiam do amor a uma única.

Dentro dos limites da razão

Não é possível manter as mulheres nos limites da razão senão por meio do medo. Mas no casamento é preciso mantê-las nos limites, porque se deve dividir com elas o que se tiver de melhor e, dessa forma, perde-se em felicidade de amor aquilo que se ganha em autoridade.

Estar à espreita!

A memória é um ser caprichoso e temperamental, comparável a uma jovem mulher: às vezes, ela cala de forma totalmente inesperada aquilo que já forneceu uma centena de vezes, e mais tarde, quando já não estamos

mais pensando naquilo, ela o oferece muito espontaneamente.

Não seguir o exemplo de Petrarca...

Não houve apenas um, mas sim vários Petrarcas, que tiveram de arrastar o impulso amoroso insatisfeito como uma corrente, como uma bola de ferro amarrada aos pés, durante toda a vida, e exalar seus suspiros nos campos solitários.

... nem o de Kant

Se agora [...], por diversão, me fosse permitida uma parábola jocosa e frívola, eu compararia Kant, naquela automistificação, com um homem num baile de máscaras, que fica namoricando a noite toda uma formosura mascarada, na ilusão de ganhar a simpatia dela, até que no final ela tira a máscara e se dá a conhecer como sua mulher.

Controle de natalidade

Se se pudesse castrar todos os patifes e fechar todas as paspalhonas nos conventos, dar às pessoas de caráter

nobre um harém inteiro, e arranjar para todas as moças de espírito e inteligência homens, mas homens de verdade, então logo surgiria uma geração que iria significar mais do que a época de Péricles.

Tentativas de aproximação

Nenhuma mulher (exceto as prostitutas decididas) vai se oferecer para nós, pois mesmo com toda beleza ela se arrisca a receber uma recusa, visto que a doença, o desgosto, os negócios, as inquietações sempre tiram todo o desejo dos homens, e uma recusa seria um golpe mortal para a vaidade delas. Porém, assim que tenhamos dado o primeiro passo e, com isso, ela tenha se assossegado do risco, ficamos em pé de igualdade com elas e então vamos encontrá-las, na maioria das vezes, bastante receptivas.

Vanitas vanitatum

Conquistar a afeição de uma mulher muito bonita apenas por meio da personalidade é talvez um prazer ainda maior para a vaidade do que para a volúpia, na medida em que se adquire a certeza de que a própria personalidade seria um equivalente, para aquela pessoa endeusada e admirada, sobre todas as outras coisas de valor. Também

por essa razão, o amor desprezado é tão doído, especialmente quando unido ao ciúme fundado.

XVII. Elogio às mulheres

Muito melhor do que no poema afetado, artificial e nebuloso de Schiller, "dignidade da mulher", o verdadeiro elogio às mulheres é expresso nestas poucas palavras de Jouy: "Sans les femmes, le commencement de notre vie serait prive de secours, le milieu de plaisirs, et la fin de consolation" [Sem as mulheres, o começo de nossa vida seria privado dos cuidados, o meio, das alegrias e o fim, do consolo].

Quanto mais observo os homens, tanto menos os tolero. Se, simplesmente, eu pudesse dizer o mesmo em relação às mulheres, tudo estaria bem.

Indice

CRÉDITOS
Tradução
EURIDES AVANCE DE SOUZA (alemão)
KARINA JANNINI (italiano)
Acompanhamento editorial Lucia Aparecida dos Santos
Preparação do original
Renato da Rocha Carlos
Revisões gráficas
Maria Luita Forrei
Ruy Cintra Paira
Dinarte Zaranelli da Silva
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Impressão e acabamento
Yangraf